

SUBRAHMANYAM, S. THE PORTUGUESE EMPIRE IN ASIA, 1500-1700: A POLITICAL AND ECONOMIC HISTORY. CHICHESTER: WILEY BLACKWELL, 2016.

Fernando Henrique Bonfim de Almeida

Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA E-mail: fhenriqueba@gmail.com.

A obra historiográfica *The Portuguese Empire in Asia, 1500-1700, A Political and Economic History* foi, inicialmente, publicada em 1993 em Londres e em Nova Iorque, tendo sido lançada a sua segunda edição no ano de 2012, a qual teve a sua edição digital lançada, ora resenhada, em 2016. A autoria é do economista e historiador indiano Sanjay Subrahmanyam, graduado e mestre em economia pela Universidade de Dehli, onde também obteve o doutorado em história econômica com a tese *Trade and the Regional Economy of South India, 1550-1650*.

A trajetória acadêmica de Sanjay Subrahmanyam levou-o a lecionar história econômica e desenvolvimento econômico comparado a partir de 1983 na própria universidade onde realizou os seus estudos superiores. A sua biobibliografia revela o seu campo de interesse, qual seja, os estudos de história política e econômica sobre o comércio, e a diplomacia a este subjacente, na Ásia da época moderna (séculos XIV a XVIII). A história, a política e a economia encontram-se em áreas de interseção no campo das ciências sociais, nas quais estas disciplinas interagem, como na obra do autor. Por conseguinte, este interesse inter e transdisciplinar se percebe no título do seu primeiro livro: *The Political Economy of Commerce: Southern India, 1500-1650*.

A abrangência geográfica dos seus estudos, no entanto, se alarga com o crescente interesse nas investigações históricas de política e de economia sobre os impérios hegemônicos no início da idade moderna, nomeadamente os ibéricos, o português e o espanhol, e o resultante da união, ainda que efêmera, entre

eles de 1580 a 1640, os quais nesta altura se faziam presentes na dinâmica intra e inter-regional, respectivamente, da Ásia e desta com a África, a América e a Europa, anunciando com isso o processo de globalização da economia-mundo europeia. Esse interesse resulta no livro já apresentado, o qual ao abordar o império português na Ásia analisa também a sua relação com o império espanhol, na época da União Ibérica, e as consequências da presença portuguesa na Ásia para os impérios coloniais europeus que a vieram suceder.

A obra também esboça as relações do império português na Ásia com os continentes africano, vinculado à Ásia pelo Índico, e americano, esta resultante dos descobrimentos vinculados a mesma expansão marítima do final do século XV e início do XVI e de dinâmicas surgidas com a formação, e a dissolução, da União Ibérica. Subrahmanyam esboça ainda no *The Portuguese Empire in Asia*, um estudo comparativo entre os impérios que se sucederam no domínio dos mares do Índico e do comércio intra-asiático e intercontinental, nomeadamente, o português, o holandês e o inglês. O economista e historiador indiano avalia que as transformações ocorridas no tempo e no espaço estudados, mesmo dentro do quadro referencial do império português na Ásia, resultam da interação de práticas e de mudanças ocorridas em diversas partes do mundo, nem sempre movidas pelos interesses dos poderes centrais e formais. Com isso, o autor expõe uma perspectiva global que permite a percepção de relações transversais entre indivíduos auto-organizados e poderes centrais reguladores.

No referido livro o autor traça uma

perspectiva diacrônica do império português na Ásia, abordando-o ao longo dos séculos XVI e XVII, não deixando, no entanto, de tratar de acontecimentos relevantes que antecederam e que sucederam o objeto de análise no corte temporal proposto. Embora o subtítulo da obra não reconheça esta pode ser igualmente referida como um trabalho de história social na medida em que ao tratar da evolução política e econômica do império português na Ásia o autor aborda temas sociais, os quais são tratados pormenorizadamente ainda dentro da perspectiva diacrônica, nos dois capítulos finais que antecedem a conclusão da obra. A rede de relações políticas e comerciais estabelecidas por portugueses na Ásia de alguma maneira alteraram o quadro social da região, por meio da miscigenação com os povos que a habitavam e onde se estabeleceram como agentes individuais, a serviço da Coroa e ou dos seus próprios interesses privados. O estabelecimento destas relações em redes políticas e comerciais, muitas das vezes à margem de demandas formais, explicam porque apesar do fracasso do Estado português na Ásia ainda assim os portugueses permaneceram como agentes fundamentais na dinâmica comercial da região, conforme aponta estudos de enfoque global focados em análises de redes auto-organizadas (POLÓNIA, 2012).

No seu arranque em *The Portuguese Empire in Asia* Subrahmanyam descreve por meio de uma abordagem geopolítica e geoeconômica as sociedades asiáticas nos primórdios da época moderna, demonstrando que quando da chegada dos europeus, em particular dos portugueses, no final do século XV e início do XVI, já havia na Ásia uma dinâmica intra-regional de grande envergadura, a qual iria condicionar a presença portuguesa nos séculos analisados. O que não quer dizer que o império português não tenha tido capacidade de interferir nesta dinâmica, como de fato ocorreu. Entretanto, que a Ásia quando da chegada dos

europeus já era uma região comercialmente dinâmica, dentro da qual o império português se insere, assimilando-a e também a modificando, assim como fizeram os impérios que o sucederam naquele continente.

Esta dinâmica própria da Ásia abrangia dois tipos de sociedade definidos pelo autor; o das sociedades baseadas na agricultura e na tributação e as sociedades predominantemente comerciais. Quando da chegada dos portugueses a dinâmica interna da Ásia caminhava para a intensificação das atividades comerciais e foi neste cenário que os portugueses se inseriram e com o qual tiveram de lidar devido à expansão do interesse comercial das sociedades asiáticas, conflitando com as próprias atividades comerciais em expansão do império português asiático. Os conflitos, no entanto, também estiveram presentes entre as próprias sociedades asiáticas, os quais eram até mesmo fomentados pelos agentes portugueses em aliança com reinos rivais da região em que se encontravam. O que demonstra a fluidez da política nestas sociedades asiáticas.

Os capítulos que se seguem discorrem sobre a existência desta dinâmica e como ela foi sendo aproveitada pelos atores portugueses envolvidos no empreendimento marítimo e comercial do vasto Oceano Índico, do leste do continente africano aos arquipélagos do distante leste e sudeste asiático. Os atores portugueses que penetraram neste dinâmica, por vezes modificando-a, abrangiam uma diversidade de indivíduos e grupos de indivíduos, que, atuando em rede, nem sempre agiam de acordo com os interesses da Coroa, representada na instituição do Estado da Índia. Neste contexto, estudos mais recentes, como o de Polónia (2012), que seguem esta perspectiva global de cooperação em rede traçam a maleabilidade com que as relações entre poderes centrais e agentes individuais ocorriam, longe da rigidez de relações formais tipicamente monopolistas que, até

então, se vinha atribuindo aos impérios marítimos europeus na Época Moderna.

A primeira fase da presença portuguesa no Oceano Índico e na Ásia, em particular, na primeira metade do século XVI, foi marcada pelo protagonismo da Coroa na exploração das rotas comerciais intra-asiáticas, além da ligação Europa-Ásia-Europa. Com o desenvolvimento do empreendimento português na Ásia a exploração comercial das rotas passou a ser uma concessão da Coroa aos comerciantes privados, a partir de meados do referido século. O Estado, no entanto, marcou presença na organização do império português asiático, sobremaneira com fins diplomáticos e arrecadatórios.

No que toca à diplomacia Subrahmanyam escreve como é particularmente importante no império asiático português a presença das Ordens Religiosas, especialmente, da Companhia de Jesus que igualmente se envolveu diretamente no comércio intra-regional, como motivo de financiamento das suas missões eclesásticas e diplomáticas, já que nem sempre contava com recursos da Coroa. Estas ordens religiosas, além da dos jesuítas, a dos franciscanos, a primeira a se estabelecer na Ásia com a chegada dos portugueses, os agostinianos e os dominicanos jogaram um importante papel na abertura de relações políticas e comerciais com os reinos asiáticos, além de tocar as suas próprias missões evangelizadoras, como no importante caso do Japão na segunda metade do século XVI.

A importância do *The Portuguese Empire in Asia*, de Subrahmanyam, para a historiografia revela-se na exploração da dinâmica local do próprio continente asiático como fator determinante à construção dos impérios marítimos-comerciais, demonstrando a participação de pessoas, locais e estrangeiras, como atores, além das instituições, também locais e estrangeiras, num complexo de relações que, por um

lado, opunham e, por outro, faziam convergir interesses privados e públicos. Isso é particularmente importante por revelar mecanismos de cooperação entre “colonizadores” e “colonizados”, indicando haver um fluxo de mão dupla nas relações ao contrário da visão que advoga o relacionamento unilateral de subserviência do colonizado perante o colonizador. Ou seja, que há protagonismo e submissão de ambos lados, ainda que haja um domínio de um deles. Mas, também revela que mesmo entre os nacionais colonizadores não havia uma rigidez no projeto formal, o qual, frequentemente, entrava em conflito com interesses particulares dos indivíduos participantes da rede de negócios comerciais.

Por outro lado, talvez por não ter sido objeto de seu questionamento e de proposição, a obra historiográfica de Subrahmanyam tem como limitação a superficialidade ou mesmo ausência da análise sobre as consequências e repercussões do império asiático português no plano interno de Portugal, sobretudo no que toca ao seu desenvolvimento político e econômico, ainda que dedique um capítulo, o segundo do livro, à discussão sobre o Estado e a Sociedade portuguesa num período antecedente à expansão marítima-comercial na África e na Ásia. Esta interrelação, no entanto, entre a expansão ultramarina e as dinâmicas internas em Portugal vem sendo tratada mais recentemente por outros autores como Polónia (2012), a partir de uma microanálise numa perspectiva global de cooperação entre redes de indivíduos e grupos de indivíduos.

A construção da narrativa de Sanjay Subrahmanyam é amparada na consulta de fontes diversas como livros, relatos, diários, impressões de atores pessoais e institucionais vinculados direta ou indiretamente ao império português asiático, tanto portugueses quanto estrangeiros. Particularmente interessante é o recurso às fontes que tratam da VOC, a Com-

panhia Holandesa das Índias Orientais, na análise do império português a partir da percepção deste pelos agentes comerciais e rivais holandeses. Cartas de correspondência entre os oficiais do Estado da Índia e a Coroa também foram objeto de análise por Subrahmanyam.

O livro revela também os conflitos por vezes existentes entre a Coroa e os seus próprios representantes no Estado, bem como os conflitos entre esta instituição e seus representantes e os comerciantes privados. São conflitos que revelam não só a diversidade de atores que atuam localmente e que estão associados a uma diversidade de interesses que estavam em jogo na dinâmica comercial e política da região. Questões que complexificam a realidade do espaço naquele tempo e ao longo do tempo e que abordam os conflitos dentro do próprio império, para além dos conflitos entre os impérios europeus na Ásia.

Na análise comparativa entre os impérios europeus que se sucederam na Ásia é talvez onde resida a mais significativa originalidade da obra de Sanjay Subrahmanyam. Primeiro, porque os impérios que sucederam do ponto de vista hegemônico o império português, segundo o autor, não conseguiram simplesmente por ter feito melhor e diferente do que os portugueses no sentido de que o conhecimento acumulado pelos portugueses sobre a política e as redes comerciais das sociedades asiáticas teriam sido fundamentais aos holandeses e ingleses que os seguiram. Este conhecimento reduziu as incertezas e as assimetrias de informação intrínsecas às atividades comerciais. Segundo, porque a racionalidade econômica atribuída aos impérios marítimos-comerciais holandês e inglês não invalida o papel importante que a diplomacia e o uso da força tiveram nas conquistas políticas e comerciais deles, como também no caso português.

Referências Bibliográficas

POLÓNIA, Amélia. *Indivíduos e Redes Auto-Organizadas na Construção do Império Ultramarino Português*. In: GARRIDO, A.; COSTA, L.; DUARTE, L. (orgs.). *Estudos em Homenagem a Joaquim Romero Magalhães. Economia, Instituições e Império*. Coimbra: Almedina, 2012, p. 349-71.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *The Portuguese Empire in Asia, 1500-1700: A Political and Economic History*. Chichester: Wiley Blackwell, 2016 (e-book).